

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo Class.: 24

Data: 26/02/75 Pg.: 13

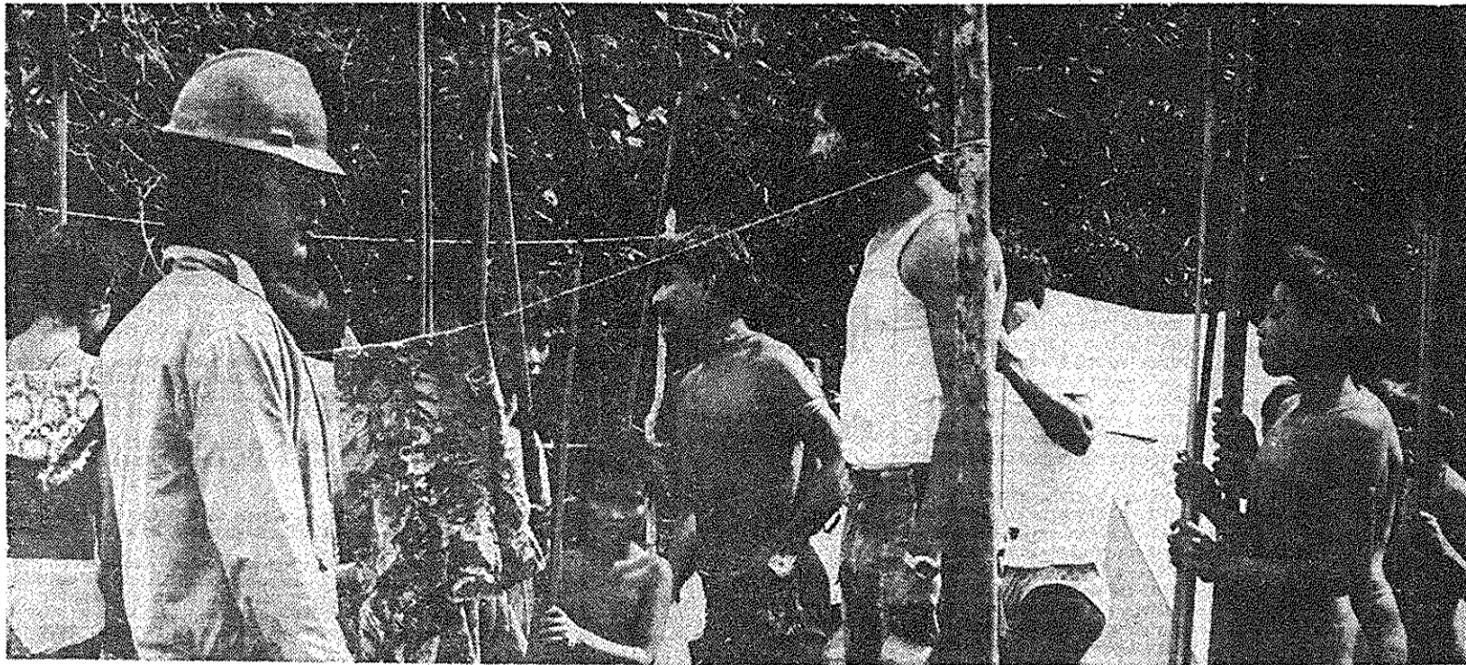


Foto Manoel Lima

Vagando pelo acampamento, os yanomani exibem os sinais de sua decadência, mendigando pão e roupas e caçando cobras

Decadentes indios ^{26/02/75} aguardam a Funai

Do Correspondente e da Sucursal

Famintos — sem opção de sobrevivência — doentes, desassistidos pelas missões religiosas e sujeitos ao contato sempre prejudicial com as frentes de penetração. E' assim que a Funai encontrará os indios yanomani do Norte de Roraima, quando for aplicar o Programa Perimetral-Yanomani, a ser executado pelo antropologista Kenneth Taylor, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, que já se encontra em Manaus recolhendo dados para iniciar o trabalho.

O sertanista Benamour Fontes, um dos primeiros civilizados a penetrar na área indígena e a estudar e pesquisar os costumes dos yanomani, abandonou o trabalho por não concordar com a política da Funai, a quem encaminhou um relatório expondo as razões do seu afastamento e apontando os erros que as missões religiosas cometem há 14 anos no contato com indios.

Os yanomani, no Norte do Brasil e Sul da Venezuela, são o grupo de indios ainda sem contato permanente com a sociedade mais numerosos da América do Sul. Sua população atual seria de 12 a 15 mil pessoas, das quais menos da metade vive em Roraima. Lavradores — plantam sobretudo mandioca e banana — dedicavam-se também à caça, mas hoje quase não há animais na região. Agora, seu território está sendo cortado pela rodovia Perimetral-Norte.

Na serra do Surucuru, onde se descobriu indícios de urânio o o Projeto Radam mantém uma base de pesquisas, os indios circulam, sujos, famintos, trocando arcos e flechas por pão mofado e roupas velhas, indispensáveis para enfrentar o frio de até oito graus. Dos trabalhadores do Radam recebem um ou outro mantimento, mas da Missão Novas Tribos do Brasil, dirigida pelo norte-americano Robert Cambell, só recebem o que conseguem com o trabalho. A missão chegou até a instituir um meio de di-

ferenciar os indios que trabalham: tangas vermelhas.

AS VANTAGENS

Ao mesmo tempo em que anuncia que o urânio que for encontrado na serra do Surucuru necessariamente beneficiará os indios, a Funai se prepara para implantar o Projeto Perimetral-Yanomani, que não só aliviará o impacto da estrada sobre a comunidade como tentará integrar os indios à sociedade. Seu objetivo é criar um sistema de integração entre indios e colonos. O Funai garante que evitará a usurpação das terras indígenas e examina a possibilidade de criar reservas ou parques; uma solução que poderia ser adotada mais tarde é a do Território Federal Indígena, que o Estatuto do Índio define vagamente como região em que um terço da população seja constituído de indios.

A segunda fase de execução do projeto prevê a colonização da região, aproveitando os resultados dos estudos antropológicos, econômicos e agronômicos feitos na área. Na medida do possível, esses resultados serão utilizados na definição de um modelo de especialização em produção econômica, permitindo aos yanomani adquirirem aos brancos os bens desejados. Os colonos contribuirão para esse intercâmbio com machados, terçados, facas, miçangas, panos vermelhos para tangas, panelas de metal e utensílios agrícolas.

DOENÇA AMEAÇA

As observações feitas até agora na região do rio Tototobi e serra do Surucuru, em Roraima, sobre a ocorrência de oncocercose entre indios yanomani indicam que todos os indivíduos de 40 anos ou mais estão infestados pela "Onchocerca volvulus". Entre os jovens de 16 a 40 anos a incidência baixa para 47,2 por cento e entre as crianças não foi diagnosticado nenhum resultado positivo.

Estes dados foram publicados pelos médicos Mario A. Moraes e Geovane de Melo Chaves, que pesquisam a doença desde 1972, quando constataram casos positivos entre missionários que trabalhavam entre indios waikas, no grupo yanomani.

Mediante biopsias de pele realizadas nas aldeias de komaiteri, aikamteri, xinamoteri, ximixiuteri, xamokrenoteri e parafuri, em 57 indios, foi registrado o índice de infestação de 47,3 por cento. Este índice foi mais elevado no sexo feminino — 56 por cento — do que no masculino.

Segundo os dois pesquisadores, ligados ao Instituto Evandro Chagas, de Belém, a constatação de oncocercose entre indios yanomani — a doença é conhecida desde 1967, mas não havia sido determinada a extensão do foco — permitiu afirmar com segurança que, além de uma parte do Norte do Estado do Amazonas, ela também ocorre numa grande área da zona ocidental do Território de Roraima. O patologista Mario Moraes acredita que a oncocercose é originária da Venezuela: "Reforça essa hipótese — afirma — o fato de viverem os yanomani em torno das serras Parimã, Surucuru, Urucuzero, Tapirapicó e Curupira, que se estendem 500 quilômetros ao longo da fronteira, região bastante elevada que favorece a criação de vetores de "onchocerca volvulus" — borrachudos ou piuns — abundantes no local.